



ISSN 2359-5051

**Revista Diálogos Interdisciplinares**

**GEPFIP/UFMS/CPAQ**

**Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação  
Interdisciplinar de Professores**

---

**A FIGURA DA MULHER PANTANEIRA, PROTAGONISMO  
E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: UMA  
ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA<sup>1</sup>**

**THE FIGURE OF THE PANTANEIRA WOMAN,  
PROTAGONISM AND CONSTRUCTION OF CULTURAL  
IDENTITY: A BIBLIOGRAPHICAL APPROACH**

Cláudia de Medeiros<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este estudo teve como objetivo geral apresentar um contexto acerca da figura da mulher pantaneira considerando aspectos da identidade cultural representados na literatura. Os objetivos específicos consistiram em averiguar como o protagonismo feminino no pantanal tem sido tratado na literatura; selecionar os materiais que tratam da presença feminina na construção do patrimônio cultural da região a partir das relações de trabalho. Para tanto, a metodologia tem como base uma pesquisa bibliográfica partindo do referencial bibliográfico estudado na disciplina de Tópicos Especiais em Estudos Culturais: Estudos Interdisciplinares em Literatura, História e as Pedagogias do Corpo. Por conseguinte, foram apontados estudos que contribuíram para os avanços no contexto dos Estudos Culturais prospectando a visibilidade dessa parcela da população, bem como a implementação de ações que contemplem o protagonismo da mulher pantaneira. Dentre os teóricos elencados, no primeiro momento, foram considerados os estudos de Alfredo Bosi (2002), Stuart Hall (1997, 2000, 2003), Albana Xavier Nogueira (1990, 2002), Raymond Williams (1979), Peixoto (2011), dentre outros que contribuíram para efetivação desse estudo.

**Palavras-chave:** Pantanal. Mulher Pantaneira. Protagonismo Feminino. Identidade Cultural.

**ABSTRACT**

This study had the general objective of presenting a context about the figure of the Pantanal woman considering aspects of cultural identity represented in the literature. The specific objectives consisted of investigating how female protagonism in the Pantanal has been treated in the literature; select materials that deal with the female presence in the construction of the region's cultural heritage based on work relationships. To this end, the methodology is based on bibliographical research based on the bibliographical reference studied in the discipline of Special Topics in Cultural Studies: Interdisciplinary Studies in Literature, History and Pedagogies of the Body. Therefore, studies were highlighted that contributed to advances in the context of Cultural Studies, prospecting the visibility of this portion of the population, as well as the implementation of actions that include the protagonism of Pantanal women. Among the theorists listed, at first, the studies of Alfredo Bosi (2002), Stuart Hall (1997, 2000,

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado a disciplina de Tópicos Especiais em Estudos Culturais: Estudos Interdisciplinares em Literatura, História e as Pedagogias do Corpo ministrada por Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janete Rosa da Fonseca e Prof. Dr. Cleyton Rodrigues dos Santos como requisito parcial para conclusão dos créditos do curso de Mestrado em Estudos Culturais ofertado pelo Programa de Pós-graduação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação - Mestrado em Estudos Culturais da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.



2003), Albana Xavier Nogueira (1990, 2002), Raymond Willians (1979), Peixoto (2011), among others who contributed to the completion of this study.

**Keywords:** Pantanal. Pantanal Woman. Female Protagonism. Cultural Identity

## 1. INTRODUÇÃO

O Pantanal é foco de discussões constantes em diferentes áreas do conhecimento, contudo o homem pantaneiro e sua trajetória existencial não são contemplados em medida que a cultura dessa parcela da população seja difundida e analisada como objeto integrador e indissociável da composição do bioma. Quanto a relevância do sujeito pantaneiro, cabe investigar a figura da mulher, assim como esse protagonismo feminino a partir de experiências de trabalho tem contribuído para o desenvolvimento da região. As atividades giram em torno da extensão de serviços domésticos básicos, como a pesca, produção de gêneros alimentícios, artesanatos com matéria prima do cerrado, e o turismo rural com a prestação de serviços.

A ambientação do Pantanal, as limitações impostas pelo isolamento ou difícil acesso de muitas áreas impactou no crescimento social das mulheres, pois a maioria reside nas fazendas, desempenham funções domésticas, auxiliam os maridos na lida geral, muitas não são remuneradas o que reforça a dependência em relação ao homem. Percebe-se que os traços da cultura patriarcal fazem parte da rotina. Diante disso, surgiram os seguintes questionamentos: a partir da interrelação sujeito e natureza é possível considerar a formação da identidade do homem pantaneiro? Em que medida a sensação de pertencimento pode impactar na representação da cultura? Como a figura da mulher surge na construção da cultura e da identidade regional?

O objeto de estudo é a mulher pantaneira porque essa parcela da população sempre contribuiu para o crescimento da sociedade, e no Pantanal a contribuição não é diferente, o ponto significativo das pesquisas é apontar o processo em que as mulheres pantaneiras deixaram de ser coadjuvantes e estão construindo um protagonismo bem alicerçado e de sucesso gradativo. Deste modo, tem-se o intuito de apresentar um contexto acerca da figura da mulher pantaneira considerando aspectos da identidade cultural associados a força de trabalho e resistência pessoal representados na literatura.

Os objetivos específicos consistem em averiguar como o protagonismo feminino no Pantanal tem sido abordado nas pesquisas; selecionar os materiais que tratam da presença feminina na construção do patrimônio cultural da região a partir das relações de trabalho. Para tanto, o embasamento teórico foi construído por uma revisão de literatura em que os descritores



da pesquisa foram: Pantanal, sujeito pantaneiro, mulher pantaneira, cultura, regionalismo, pertencimento, representação, identidade cultural, protagonismo feminino.

A análise dos dados é de cunho narrativo-descritivo, sendo a abordagem qualitativa. Essa abordagem é relevante pois a pesquisa qualitativa pode ser compreendida como sendo um ato social de construção do conhecimento. Quando este conhecimento é contextualizado de forma abrangente impacta no desenvolvimento do objeto analisado, conseqüentemente, no contexto sócio-histórico-cultural (Gunter, 2006; Gil, 2010), o que nos interessa no âmbito dos Estudos Culturais - Estudos Interdisciplinares em Literatura, História e as Pedagogias do Corpo.

No primeiro momento apresenta-se uma contextualização acerca do Pantanal e seus sujeitos. Nesse contexto dos sujeitos pantaneiros aborda-se a concepção de homem pantaneiro e a representação desses indivíduos na formação da cultura na região. Embora a abordagem relacionada a sujeitos pantaneiros seja ampla, no que tange as questões culturais é relevante trazer o protagonismo feminino desenvolvido nos últimos anos e impactado de modo significativo na construção da identidade cultural, o que qualifica e justifica essa pesquisa.

## **2. O PANTANAL E SEUS SUJEITOS – CULTURA, REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE**

O Pantanal é reconhecido como um Patrimônio Nacional de acordo com a Constituição Federativa do Brasil/1988, artigo 225, sendo assim, possui grande relevância para a identidade nacional do país. Além disso, a região apresenta uma rica cultura, representada pelo homem pantaneiro, que compartilha hábitos e costumes típicos da localidade. Portanto, é essencial contextualizar o Pantanal como um patrimônio tanto ambiental quanto cultural para a compreensão de sua importância e preservação (Brasil, 1988; Nogueira, 1990, p.11). O bioma não é homogêneo e apresenta variações de uma região para outra.

O que chamamos de Pantanal não passa de uma imensa planície sedimentar, situada nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, adentrando-se uma parte pela Bolívia e Paraguai, que se alaga periodicamente, quando os rios se avolumam e jogam suas águas nas baixadas, enchendo vazantes e corixos, baías e lagoas, transformando-se numa coisa só deságua espraçada, semelhante a um mar doce em certas áreas (Proença, 1997, p.13).

Nesse mesmo sentido, Nogueira apresenta o Pantanal enquanto “denominação que se dá a um habitat úmido, ou melhor, a uma considerável superfície banhada pelo complexo hidrográfico formado por centenas de rios que nascem nos planaltos adjacentes, deságuam no rio Paraguai e lhe dão uma fisionomia especial” (Nogueira, 1990, p. 12).



Nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, pantanal não é sinônimo de grande pântano, brejo, charco ou outros termos semelhantes, normalmente mencionados em dicionários da língua portuguesa. É um vocábulo utilizado para substantivar a porção brasileira de uma das maiores planícies de inundação do globo, conhecido como Pantanal Matogrossense (Oliveira, 1995, p. 21).

Acredita-se que diante da estruturação desse espaço geográfico e as interrelações profundas entre seus habitantes, torna-se difícil abordar o bioma e seus sujeitos de modo indissociável, “seria como, ao se falar sobre um rio, esquecer-se de mencionar suas águas” (Nogueira, 1990, p. 59). As mudanças estruturais/geográficas, bem como as alterações climáticas impactam diretamente na qualidade de vida da população pantaneira.

Nesse espaço, as mulheres não são protagonistas de suas histórias, se restringindo ao trabalho doméstico e ao exercício do papel de mãe e esposa. As narrativas são construídas em torno do trabalho dos homens (Nichnig e Leite, 2019, p.6). Por esse viés, ainda que seja um processo de formação diante das mudanças que o turismo trouxe para a região, a identidade desses sujeitos pode ser pensada como sendo:

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’(Hall, 2000, p.111-112).

Essa abordagem pode ser comparada com o que Willians chamou de sociologia da cultura, com enfoque no estudo das relações entre elementos numa vida plena, Métodos para analisar a estrutura, trabalhos e períodos em particular podem ajudar a compreender e iluminar alguns trabalhos artísticos e formas, bem como relações sociais mais amplas (Williams, 1979). Quanto aos seus sujeitos, nas palavras de Nogueira (1990, p. 13) o “homem pantaneiro, entenda-se, aqui, o elemento nativo do Pantanal ou aquele que nele vive há mais de vinte anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região”. Em um sentido mais amplo, Leite (2003) apresenta o homem pantaneiro como sendo,

uma série de categorias, ou grupos sociais, diferentes entre si que, por viverem no Pantanal, podem ser incluídas genericamente nesta expressão. Mas, é conveniente reter que há diferenças internas que vão caracterizá-las como categorias diferentes. Muitas vezes, há disputa, entre grupos, pela auto legitimidade deste termo identidade. Aqui entende-se, [...], homens e mulheres que vivem no Pantanal. Muito mais que uma categoria metonímica do espaço do que social. (Leite, 2003, p.24-25)

Assim, pensar no contexto de homens e mulheres que vivem no Pantanal remete ao fato de que, o indivíduo ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, transforma-as e intervém em seu meio. Em outros termos, à qualidade de ser pantaneiro no estilo, nos costumes,



nos hábitos, no comportamento e na cultura foi produzido para constituição e consolidação do sentimento de pertença ao território pantaneiro (Ribeiro, 2014, p. 192). Ter ideia de construção é também manter implícito o fato de mudanças, inferências que colaboram para a formação de novos sujeitos quando tratamos da construção da identidade no campo cultural. É possível tratarmos como um processo em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos, ou seja, uma metamorfose em constante movimento (Ciampa, 1987). Essa abordagem não é recente, mas mantém-se significativa e pertinente na perspectiva de formação identitária.

O homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura (Eddine; Urt, 2013, p.2). A cultura da região pantaneira carrega uma estrutura patriarcal que vem sendo transformada com ações representativas das mulheres. Embora o patriarcalismo seja analisado como algo subjetivo em alguma medida, pelo viés estrutural pode ser contemplado “para não falar das relações despercebidas de dominação e subordinação, disparidade e desigualdade, resíduo e emergência, que emprestam sua natureza particular para essas conexões” (Williams, 1979, p. 138). Nesse viés, a identidade emerge do diálogo entre os conceitos e definições representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de respo “para não falar das relações despercebidas de dominação e subordinação, disparidade e desigualdade, resíduo e emergência, que emprestam sua natureza particular para essas conexões” (Williams, 1979, p. 138).

Nesse viés, a identidade emerge do diálogo entre os conceitos e definições representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de responder aos apelos feitos por estes significados (Hall, 2000) aos apelos feitos por estes significados (Hall, 2000).

Entretanto, as representações têm sérias implicações sobre as identidades, pois as mesmas têm a ver como temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar, surgindo das próprias narrativas do eu (Hall, 2000, p.109). Ao quebrar o ciclo de dependência socioeconômica, as mulheres começam a construir uma nova história. Corroborar-se com a perspectiva de que, “a existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico” (Candido, 2003, p.29). Ou seja, a existência desse homem pantaneiro pode estar comprometida pelas ações decorrentes de impactos ambientais.

No Pantanal tudo depende das águas. São elas que condicionam os diversos tipos de vida, levam o homem a ter necessidades de mudanças nas grandes enchentes, modificam os solos, obrigam certas aves a migrarem para outros lugares do planeta, empurrando o gado para cima das cordilheiras, quebram a monotonia da planície, ilhando muitas fazendas, obrigando o emprego de canoas que substituem os cavalos para conduzir a criação aos lugares mais altos e, portanto, livres do desespero das águas. (Proença, 1997, p.13).



Ao analisar as relações de convivência do pantaneiro em seu ambiente Moreira e Schwartz (2007) constataram que num ambiente selvagem, como o Pantanal, no qual a imprevisibilidade do meio é constante e a requisição de comportamentos adaptativos é grande; aquele que está aberto a desenvolver competências sociais variadas e maior percepção das nuances do contexto, tem maiores chances de interagir de maneira mais adequada, saudável e prazerosa, com as circunstâncias que se apresentam, sem perder sua individualidade, cultura ou suas raízes (Moreira e Schwartz, 2007, p. 14). Ainda que os sujeitos estejam em processo de construção ou reformulação “toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta” (Hall, 2000, p. 110). Nesse estudo, apontamos o protagonismo feminino na contemporaneidade.

Stuart Hall discorre sobre a cultura, identidade e representação considerando que a cultura dá-se por diferentes manifestações, além de poder ser compreendida como prática de significação e isso é um diferencial para a compreensão da realidade, dos comportamentos pois pode transformar conceitos. A cultural tem papel constitutivo em todos os aspectos da vida social, na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social, e seus discursos instituidores de poder, tomados pelos sujeitos para se auto interpretar e acabam por produzi-los (Hall, 1997). O empoderamento feminino muda a cultura em medida que essas pessoas passam a prospectar oportunidades significativas a partir do seu lugar de fala.

### **3. O PROTAGONISMO FEMININO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL**

Determinar o desenvolvimento da mulher pantaneira como protagonismo é relevante ao analisarmos essa situação a partir da situação de submissão que elas acostumadas. Esse processo de mudança em que os espaços sociais foram sendo ressignificados impactaram na mudança cultural de ser apenas uma dona de casa. Assim, acredita-se que a formação cultural da região é um processo contínuo e recente, se pensarmos que o Estado de Mato Grosso do Sul é relativamente novo e sua formação populacional é múltipla com influência de diversas culturas que ao interagirem entre si, forma a identidade local. Sendo assim, para tratar da construção de uma identidade regional/pantaneira é necessário considerar a identidade cultural estadual.

A identidade cultural do Mato Grosso do Sul é definida na atualidade por grande parte de seus atores – agentes culturais, sociais, políticos e econômicos – por meio de símbolos rurais como a música regional e o Pantanal, com sua fauna, flora e costumes. Esta identidade é apresentada como “natural”, através de discursos verbais e musicais que pretendem ser a expressão da “essência” do sul-mato-grossense. A comunicação aqui proposta parte da constatação de que, ao contrário, tanto a música regional quanto o Pantanal eram, ainda há poucas décadas, recusados como traços identificatórios pela maior parte da população. Assim, sugere que estamos frente a um complexo processo de



construção identitária, e propõe a investigação dos múltiplos discursos verbais e musicais que unificaram-se problematicamente em torno dessa autodefinição (Neder, 2008, p. 1).

A cultura do Pantanal de Mato Grosso do Sul é profundamente enraizada nas práticas tradicionais e no modo de vida dos pantaneiros, que incluem ribeirinhos, pecadores, vaqueiros e comunidades indígenas. Essas práticas culturais estão intrinsicamente ligadas à preservação ambiental, visto que muitas delas dependem diretamente da saúde do ecossistema. Todavia, não há como compor uma paisagem sem que o homem pantaneiro esteja presente. A cultura desse homem é muito arraigada às suas raízes, e é tão cheia de significados e símbolos que se torna uma amostra de força e resistência às transformações econômicas, culturais, sociais e políticas.

Para tanto, é necessário compreender resistência em seu sentido mais profundo que apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia (Bosi, 2002, p. 118). Tratando do resgate da identidade cultural pantaneira Alvares e Abrão (2021) abordam a temática pela ótica de Augusto César Proença e salientam a relevância dos estudos literários direcionados ao regionalismo, concluindo que esses estudos contribuem para que haja consciência do valor que as interações sociais que os indivíduos desenvolvem durante a vida influenciam na formação da identidade cultural de um povo, o que torna primordial conhecer os povos que fazem parte da formação de uma sociedade tão multicultural quanto é o Brasil.

Diante deste contexto, no âmbito do cenário pantaneiro é imprescindível considerar que a separação natureza e cultura perpassa o debate da antropologia, fazendo crer que o determinismo biológico impõe às mulheres uma proximidade maior com a natureza (Nichnig e Leite, 2019, p.7), porém, a multiplicidade contemporânea e o acesso a elementos da modernidade mudam as expressões populares. Neste cenário, a mulher, como categoria que historicamente ocupa posição inferior na escala de valores sociais, vivencia um momento diferenciado no contexto do turismo no Pantanal, como sendo um exemplo dos avanços delas ao apresentar elementos da cultura regional aos visitantes.

Essa cultura encanta o turista que chega ao Pantanal e proporciona experiências únicas ao visitante. Uma dessas experiências é a passagem das comitivas boiadeiras. Elas são raras, mas ao viajar pela região é possível encontrá-las. Compostas por seus peões elegantemente paramentados com faixas paraguaias, bruacas, pirains, e no alforje, o seu celular. O visitante que vivencia o encontro com a comitiva se encanta, pois é uma experiência única. Este encontro entre o passado e presente ficam na memória, nas fotografias e nas redes sociais.

Coube às mulheres a tarefa de apoiar e serem os pilares das lidas no campo, ambiente masculino onde o trabalho com os bovinos implicava a presença dos maridos e dos filhos, futuros maridos de outras companheiras e apoiadoras responsáveis pela gestão da casa e



cuidados com as crianças (Nichnig e Leite, 2019, p.3). Atualmente, os conhecimentos da lida diária são implementados, em sua maioria em práticas vinculadas ao turismo. A pesquisa é pertinente, pois os estudos sobre mulheres na lógica feminista trazem a amplitude do assunto, como estão sendo vistas dentro da sociedade nos vários campos e esferas públicas (Scott, 1995).

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Embora o objetivo proposto seja tratar a representação das mulheres na literatura é preciso discorrer que o protagonismo feminino na região pantaneira surge das ações domésticas das mulheres que mantinham as casas, cuidavam dos filhos, e ainda auxiliavam os homens nos serviços das fazendas, como no trato dos animais, artesanato, a culinária com a matéria prima regional, como produção de doces, queijos, embutidos, dentre outros.<sup>3</sup> Assim, as cozinheiras das fazendas falam sobre o sentimento de pertencimento, ao prazer do cozinhar e poder criar seus filhos com a força de seu trabalho.

O pertencer é um sentimento descrito por mulheres em diferentes posições, desde cozinheiras até herdeiras de terras e tradições pantaneiras, produtoras rurais, líderes sindicais, mulheres que se assemelham pela força em fazer acontecer. A inserção das mulheres no contexto do agronegócio como um todo tem impactado no empoderamento.

O protagonismo feminino tem sido subsidiado por instituições governamentais e não-governamentais como o Mulheres em Ação no Pantanal (Mupan)<sup>4</sup>, dentre outros projetos que visam qualificar essas pessoas, prospectar oportunidades, gerar ganhos para a subsistência, em um primeiro momento.

Cursos direcionados a economia familiar estão sendo ofertados pelo Sistema Nacional de Aprendizagem Rural de Mato Grosso do Sul (SENAR), assim como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Têm-se o Pró Pantanal – Programa de Apoio à Recuperação Econômica do Bioma Pantanal tem atuação nos eixos do turismo, da economia criativa e do agronegócio existentes no Pantanal. Com o auxílio dessas instituições são geradas oportunidades que induzem as mulheres a empreenderem, e não apenas prestar serviços.

Visando contemplar os objetivos propostos, apresenta-se um quadro com estudos teóricos que discorrem acerca dos aspectos do protagonismo da mulher pantaneira em trabalhos de áreas distintas. O recorte apresentado demonstra o crescimento e empoderamento feminino, em sua maioria por ações decorrentes dos avanços prospectados pelo turismo regional.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.diariodigital.com.br/geral/mulheres-desafiam-estereotipos-e-se-tornam-protagonistas-das-proprias-historias-no-agronegocio-de-ms>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.mupan.org.br/>. Acesso em: 10 de junho de 2024.



### Quadro 1 - Trabalhos que abordam Aspectos do protagonismo da Mulher Pantaneira

Título do Trabalho	Autores	Periódico	Área de Estudo
Relato de uma experiência de formação: mulheres cervejeiras do Pantanal mato-grossense.	CUNHA, Admilson Costa da. <i>et. al.</i>	Artigo 2023.	Economia Familiar
A mulher onça: reflexões sobre gênero e a personagem Maria Marruá no remake da novela Pantanal	COELHO, Caroline Oliveira da Silva Avila.	TCC 2022.	Biblioteconomia e Comunicação
Das Estradas das Águas à Beira do Quintal: Um olhar para a mulher em movimento nas Comunidades Tradicionais do Paiaguás Pantanal – Corumbá-MS	FERREIRA, Maria de Fatima	Dissertação 2022.	Educação e Territorialidade
Um Pantanal de Marias e Marruás.	RIBEIRO, Mara Aline; VARGAS, Icléia Albuquerque de	Dissertação 2021.	Mestrado em Estudos Fronteiriços.
O Pantanal por elas: o trabalho da mulher pantaneira no turismo.	FERNANDES, Júlio Francisco Alves; ARAÚJO, Ana Paula Correia de ; RIBEIRO, Mara Aline.	Artigo 2021.	Cadernos de Turismo.
Mulheres à frente no cerrado e pantanal: o entrelaçar de força na prática da resistência	ZIOLKOWISK, Nathalia Eberhardt.	Artigo 2019.	Sociologia
A flor da Guavira: contribuições para uma história das mulheres pantaneiras	NICHNIG, Claudia Regina; LEITE, Eudes Fernando.	Artigo 2019.	História
A mulher pantaneira e sua relação de trabalho com o turismo.	THOMÉ, Pollianna.	Artigo 2018.	Turismo
A Mulher e o Pantanal: uma relação de trabalho e de identidade.	THOMÉ, Pollianna.	Dissertação 2018	Geografia

Fonte: a autora, 2024.

Na região do Pantanal matogrossense foi implementado um curso de Formação Inicial e Continuada em Preparadora Cervejeira Artesanal, cujo público-alvo era mulheres camponesas acampadas e/ou assentadas no Programa Nacional de Reforma Agrária, nos municípios de Cáceres e Mirassol d'Oeste que estavam em situação de vulnerabilidade social. Foram criados grupos sólidos de produção coletiva, que produzem e vendem suas cervejas artesanais nos municípios do estado do Mato Grosso, com marcas e identidades próprias. As cervejas desenvolvidas pelas mulheres cervejeiras do Pantanal são carregadas de determinação e resistência pela vida, pois são produtos criados coletivamente e dentro dos conceitos de economia solidária desenvolvidos durante o curso (Cunha., *et al.*, 2023). A resistência é um fator que qualifica essas mulheres, na Literatura pode ser compreendida como sendo,

um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições. (Bosi, 2002, p. 134)



O fato das mulheres pantaneiras ganharem voz nas narrativas contemporâneas é uma forma de resistência se associarmos as questões patriarcais que as limitavam. Ferreira (2022) conduziu uma pesquisa com as mulheres pantaneiras da sub-região do Paiaguás no Pantanal de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de compreender o modo de vida, o progresso socioeconômico, a relação com o meio ambiente e as práticas e resistências das mulheres para sobreviver diante das diversidades presentes no Pantanal. Assim, arriscando um caminho exploratório, eu diria que a ideia de resistência, quando conjugada à de narrativa, tem sido realizada de duas maneiras que não se excluem necessariamente: a) a resistência se dá como tema; b) a resistência se dá como processo inerente à escrita. (Bosi, 2002, p. 120)

Para este diálogo sobre mulheres resistindo, persistindo e sobrevivendo em uma região de difícil acesso e isolamento territorial, foi necessária uma pesquisa etnográfica para reconhecer a história de formação sociocultural da região do Paiaguás no Pantanal, onde estão inseridas as comunidades. Chegou-se à conclusão de que, para o homem e a mulher do pantanal, as relações entre os gêneros só são percebidas na definição de homem/mulher, enquanto o companheirismo entre ambos é predominante em todos os campos (Ferreira, 2022, p.117).

Com a visibilidade alcançada pela personagem Maria Marruá na novela Pantanal, sucesso na televisão brasileira nos anos noventa, a obra foi reestruturada em dois mil e vinte dois, consolidando o sucesso da obra e expandindo a cultura pantaneira e as ações que representam a força feminina regional. A inclusão de um estudo que trata da novela nesse estudo é relevante porque elas fazem parte da cultura brasileira e procuram representar a população no cenário ficcional. A interação que a telenovela estabelece entre os cotidianos da ficção e da realidade constitui uma das peculiaridades da telenovela brasileira, que, ao desenvolver um cotidiano em paralelo, dialoga com o real (Motter, 2000, p.3).

Hall (2003) propõe considerar a cultura como uma herança que dá margem a várias formas de interpretação, e essas interpretações influenciam as escolhas de identidade, que por sua vez são afetadas por questões de poder, questionando o conceito antropológico de cultura, especialmente as abordagens funcionalistas e estruturalistas. Dessa forma, o autor defende que a tradição cultural não deve ser vista como algo estático, uma vez que as pessoas estão constantemente reinterpretando e recriando essa herança cultural.

A obra de ficção foi criada por Benedito Ruy Barbosa e exibida pela extinta Rede Manchete em 1990. Coelho (2022), em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A mulher onça: reflexões sobre o gênero e a personagem Maria Marruá no remake da novela Pantanal”, analisou os sentidos mobilizados entre feminino e masculino, a partir das questões de gênero e da gestualidade da personagem Maria Marruá no remake da novela Pantanal.



Coelho (2022) pontua que os sentidos de feminino e masculinos elencados no trabalho se dão a partir da perspectiva social heteronormativa e da cultura hegemônica. Na obra analisada a apresentação reforça a ideia de gênero enquanto construção social.

A literatura contemporânea tem buscado estreitar as interrelações entre a realidade e a ficção com obras que representam os sujeitos em sua essência, e com a visibilidade conseguem implementar o teor representativo na produção literária. Não é utopia pensar que muitas mulheres oriundas da região pantaneira se enxergam como verdadeiras onças, e a representação imagética da televisão alimentou essa ideia. Em outros termos, poderíamos considerar os “causos” contados na região pantaneira como parte da cultura. Para Peixoto (2011) a contemporaneidade, tanto a historiografia quanto a crítica literária têm interesse em pesquisar caminhos da narrativa histórica e suas relações com a literatura, pois está pode ser vista como uma fonte de aprendizado e de inspiração, fluindo como objeto e fonte documental.

Os sentidos do feminino em Maria Marruá estão ligados à maternidade, ao sofrimento e ao empoderamento, este último observado pela mudança na gestualidade. Maria se transforma de uma pessoa passiva em uma agente de si mesma. Embora essa atitude leve à morte, ela não mais terceiriza as atividades como anteriormente analisado. Embora considerada uma cena trágica, decidir sobre o próprio corpo e a morte é também um ato de liberdade, afinal, necessita da ação do indivíduo (Coelho, 2022, p.77). Corroborar a percepção sobre a força feminina pantaneira.

Ribeiro e Vargas (2021) discutiram “Um Pantanal de Marias e Marruás” com sujeitos que sobrevivem com os imprevistos do bioma e que são acometidas por tragédias como os incêndios recentes, as gentes pantaneiras com crueldade, considerando a precariedade e o estado de vulnerabilidade econômica e social que vivem mulheres, homens e crianças que constroem, cotidianamente, o Pantanal. Nesse cenário, apresentam as mulheres como protagonistas da construção desse espaço, pois essas estão exercendo os mais distintos e importantes papéis.

Destacaram que Independente do poder aquisitivo, são provedoras das famílias, chefes de comitivas, esposas, companheiras, cuidadoras dos/as filhos/as, empresárias do turismo, cozinheiras, pecuaristas que, entre o amanhecer e o anoitecer, trabalham, acalantam os/as filhos/as, ajudam as vizinhas, as comadres e se postam mulheres belas e convictas do seu papel de protagonista (Ribeiro, Vargas 2021, p.15). Fernandes *et. al.* (2021) em seu estudo intitulado “O Pantanal por elas: o trabalho da mulher pantaneira no turismo” salientaram que as mulheres pantaneiras produzem um Pantanal feminino com todo esplendor e exuberância. Pontuaram ainda que nas diversas mulheres e nos distintos papéis a elas atribuídos - a carga cultural e indenitária que produz historicamente os territórios e engendram territorialidades no espaço pantaneiro, emoldurando paisagens rurais de luta. No cenário do turismo a mulher desenvolve



atividades tradicionalmente ligadas ao feminino, os postos de serviço a elas atribuídos são, sobretudo, de camareiras, cozinheiras e nos serviços gerais, a despeito de os homens também poderem exercer essas atividades.

Nesse viés, Ziolkowisk (2019) trouxe uma abordagem em que as mulheres à frente no cerrado e pantanal são apresentadas como sendo o entrelaçar de força na prática da resistência. Enfatizaram o fato de que há mulheres no Cerrado e Pantanal que acreditam na relação simétrica com o meio ambiente, entendem que isso corresponde ao bem-viver das partes. Assim, muitas são guardiãs desse recurso natural. Isso se dá em medida que, aquilo que é natural para o rio, também é natural para elas, as demais dimensões se dão no campo social e cultural, com toda formação de características próprias, regras de convívio intrínsecas ao modo de vida coletiva, dinamicamente interagindo com o outro, o de fora, o visitante ou turista como é chamado (Ziolkowisk 2019, p.14).

Diante do contexto apresentado, é necessário abordar a questão histórica, mas a partir do relato das mulheres e de suas memórias, pontuando o subjetivismo do sentir feminino em um ambiente que exige uma postura mais forte e intensa. Sobre isso, Nichnig e Leite (2019) trouxeram a partir das narrativas de mulheres pantaneiras, a percepção e a demonstração de suas sensibilidades, seus afetos, seus desejos, no que se refere às experiências de família e parentalidade. Mesmo com o aporte da história cultural que trouxe a preocupação das relações distanciadas de uma história política, econômica ou as relações de trabalho das pessoas em seu ambiente público, ainda pouco se debruçou sobre as trajetórias e as subjetividades dessas mulheres, em um espaço geográfico ímpar, em que as distâncias e as dificuldades de locomoção e ainda distâncias das mulheres das cidades, as restringe a vida nas fazendas. Se as relações afetivo-conjugais eram atravessadas pela experiência de viver em uma região inóspita, também as relações entre pais e filhos são afetadas pelo espaço geográfico (Nichnig e Leite, 2019, p.9).

Esse mesmo espaço inóspito passou a contribuir para o empreendedorismo no pantanal, o turismo rural passou a ser uma fonte de renda para as famílias. Com isso, as atividades domésticas desenvolvidas pelas mulheres nas fazendas passaram a ser ofício remunerado nas pousadas com os avanços vinculados ao turismo. Assim, quando a atividade turística se instalou em fazendas no Pantanal, a atividade feminina não se alterou, no entanto, ganhou em intensidade. Pautou-se em novas regras e horários, à medida que passou a ser realizada através de um contrato de trabalho (Thomé, 2018, p.132). Outro fator relevante nas atividades desenvolvidas pelas mulheres é o impacto positivo na autoestima delas.

A melhoria da autoestima das mulheres está estreitamente ligada a conquista da independência financeira e o aumento na qualidade de vida da família, pois as mulheres como administradoras dessas novas atividades têm sido visto com muitas expectativas quanto as



inovações no que tange aos empreendimentos pantaneiros, que contribuem significativamente com a renda da população no período da sazonalidade no pantanal, estas conquistas têm grande representatividade na sociedade pantaneira. O papel da mulher na percepção dos hóspedes em relação ao modo de vida no Pantanal é o diferencial, pois são elas que desempenham as atividades de manutenção das áreas comuns e privadas e preparam as refeições, fatores essenciais para a hospitalidade nesse tipo de serviço (Thomé, 2018, p.146).

Em um estudo anterior, Thomé constatou que à medida que aumenta a oferta de trabalho feminino nas fazendas, o turismo propicia maior participação das mulheres na renda familiar e lhes dá autonomia para investir em qualidade de vida e educação de seus filhos e netos. Seu trabalho é valorizado por seus maridos e pelos proprietários, mas para a maioria dos turistas permanece a figura do homem vaqueiro como a expressão da cultura pantaneira. Por outro lado, o turismo limita suas relações familiares e sociais com pessoas de fazendas vizinhas, pois impõe um ritmo de trabalho e descanso diferenciado do tradicional regime pastoril (Thomé, 2008).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do material investigado foi possível concluir que embora já tenham sido desenvolvidos muitos estudos sobre o Pantanal enquanto bioma com toda a sua riqueza e problemáticas decorrentes de ações humanas, como é o caso dos incêndios recorrentes, o sujeito pantaneiro ainda é pouco estudado enquanto objeto de pesquisa. Em uma abordagem mais específica foi possível constatar que ao colocar a mulher pantaneira como foco das discussões, essa vem alcançando sucesso e visibilidade com uma abordagem que a qualifica, classifica, diferencia quanto ao gênero, mas também quanto as suas ações no desenvolvimento socioeconômico do pantanal.

Cabe salientar que embora essas mulheres estejam conquistando espaço, suas conquistas partem do trabalho desenvolvido no âmbito doméstico, auxiliando os maridos e na maioria dos casos, não sendo remunerada, mantendo dependência dos homens. De qualquer modo, o fato dessas pessoas estarem conquistando espaço social com pautas associadas à sua produção e contribuição em atividades vinculadas a cultura, o artesanato, o turismo é um diferencial para o desenvolvimento regional.

Quanto aos objetivos propostos acredita-se que a figura da mulher pantaneira vem sendo representada de modo significativo na literatura com abordagem em diferentes áreas do conhecimento. Contudo, os estudos não se atentam apenas a questões associadas a cultura e a identidade cultural que essas mulheres constroem e representam, mas o entendimento que se



assemelha em grande parte dos trabalhos publicados gira em torno da resistência da figura feminina que fundamenta seu protagonismo.

Retomando os questionamentos que impulsionaram este estudo, acredita-se que a interrelação do sujeito com a natureza impacta diretamente na formação da identidade cultural do homem pantaneiro, haja vista que os hábitos desses indivíduos dependem do contexto ambiental, do modo como o ambiente natural se comporta e impõem limites naturais para a vivência em território pantaneiro. Entretanto, a questão do pertencimento em efetivo em todas as pautas, em diferentes áreas do conhecimento, o que respalda a discussão quanto ao protagonismo feminino.

Posto isto, mensurar em que medida a sensação de pertencimento pode impactar na representação da cultura pantaneira ainda é uma tarefa difícil. No entanto, é notório que a mulher contemporânea da região pantaneira tem conquistado novos espaços, respeito e visibilidade sendo protagonistas de suas próprias histórias. Com isso, a figura da mulher pantaneira surge na construção da cultura regional sendo o pilar familiar. Nessa nova perspectiva essas funções são bem avaliadas pelos turistas que buscam o pantanal como espaço exótico e aconchegante. O empoderamento feminino contribui na construção de uma nova identidade cultural regional, pois por mais que as tarefas sejam as mesmas, a rentabilidade muda a realidade de pessoas que estiveram presas ao patriarcalismo.

Deste modo, analisar a figura feminina enquanto protagonista de uma nova história que tem mudado a percepção de identidade cultural e regional é uma tarefa difícil que deve ser feita com cuidado. A cultura, em alguma medida foi impactada pelo avanço capitalista na região que fez dos espaços pontos comerciais que trouxeram benefícios, mas impactaram o modo de vida dessas mulheres. Essas mudanças ainda estão em andamento e devem ser observadas no aprimoramento dessas ações que mudam o papel feminino, empoderam, protagonizam.

Por fim, é preciso compreender que as interrelações entre o homem e a natureza é que fazem do pantanal um bioma complexo, pontuando que apesar dos avanços na legislação ambiental e na integração cultural, o Pantanal enfrenta diversos desafios com o ciclo climático que impacta em ocorrências de incêndios, sendo esses eventos naturais ou não. A expansão da fronteira agrícola, as queimadas e o desmatamento ilegal são ameaças constantes. As políticas públicas devem, portanto, ser continuamente revisadas e aprimoradas, com a participação efetiva das comunidades locais, para garantir que as leis ambientais não apenas protejam o ecossistema, mas também respeitem e valorizem a cultura pantaneira, conseqüentemente, seus sujeitos, cultura e identidade enquanto pilar no processo de representação.

## 6. REFERÊNCIAS



ALVARES, Kelly Caroline; ABRÃO, Daniel. Resgate da identidade cultural do pantaneiro pela ótica de Augusto César Proença. **Revista Philologus**. v. 27 n. 81 Supl. Rio de Janeiro -RJ, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1036>. Acesso em: 14 de junho de 2024.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2003. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=fJivEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&ots=H3ur4unsQP&sig=2TSKcStflhEqYUEaYLYf0okC6g&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=fJivEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&ots=H3ur4unsQP&sig=2TSKcStflhEqYUEaYLYf0okC6g&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 14 de junho de 2024.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

COELHO, Caroline Oliveira da Silva Avila. **A mulher onça**: reflexões sobre gênero e a personagem Maria Marruá no remake da novela Pantanal. Trabalho de conclusão de graduação apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253782>. Acesso em: 14 de junho de 2024.

CUNHA, A. C. da. *et al.* Relato de uma experiência de formação: mulheres cervejeiras do Pantanal mato-grossense. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**. v. 14, n. 2, p. 113, maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/issue/view/197>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

EDDINE, Eder Ahmad Charaf; URT, Sonia da Cunha. Cultura e Educação na Constituição do Sujeito que vive na Região do Pantanal: expressões reveladas na imprensa – a revista veja (1970 – 1980). **Revista Científica da Faculdade de Balsas**, v. 04, p. 1-8, 2013. Disponível em: <https://revista.unibalsas.edu.br/index.php/unibalsas/article/download/80/74/285>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

FERNANDES, Júlio Francisco Alves; ARAÚJO, Ana Paula Correia de; RIBEIRO, Mara Aline. O Pantanal por elas: o trabalho da mulher pantaneira no turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 21, núm. 1, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1154/115466307002/html/#:~:text=Nesse%20universo%2C%20a%20mulher%20pantaneira,a%20extens%C3%A3o%20do%20trabalho%20dom%C3%A9stico>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

FERREIRA, Maria de Fátima. **Das Estradas das águas à beira do quintal**: um olhar para a mulher em movimento nas comunidades tradicionais do Paiaguás Pantanal – Corumbá-MS. 2022. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) - Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5309>. Acesso em: 18 de junho de 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. (5a ed.). São Paulo, SP: Atlas, 2010.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa**: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 22, n. 2, p. 201-209, maio/ago. 2006.



HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LEITE, Mário Cezar Silva. **Águas Encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagem e mitos do Pantanal**. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações. 2003.

MOREIRA, J. C. C. SCHWARTZ, G. M. **As relações entre os pantaneiros e seu ambiente**. v. 32, n. 2, mai./ago. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/1458/5229/38466>. 20 de junho de 2024.

MOTTER, Maria L. **Ficção e realidade - Telenovela: um fazer brasileiro**. Intercom, 2000.

NEDER, A. Peña, bienvenida entre nosotros: moderna música urbana e a criação de uma identidade cultural em mato grosso do sul. In: **Cadernos do Colóquio**, 2008, Rio de Janeiro, p. 1-5. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/index>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

NICHNIG, Claudia Regina; LEITE, Eudes Fernando. A flor da Guavira: contribuições para uma história das mulheres pantaneiras. **SÆCULUM - Revista de História** [v. 24, n. 41]. João Pessoa, p. 389-407, jul./dez. 2019, ISSN 2317-6725. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/download/47215/28891/126104>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **O que é Pantanal**. São Paulo: Brasiliense. 1990.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal: homem e cultura**. Campo Grande: UFMS. 2002.

PEIXOTO, M. do R. da C. Saberes e sabores ou conversas sobre história e literatura. **Revista História & Perspectivas**, [S. l.], v. 24, n. 45, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19401>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PROENÇA, Augusto César. **Pantanal: gente, tradição e história**. 3.ed. Campo Grande-MS: UFMS, 1997.

RIBEIRO, Mara Aline; VARGAS, Icléia Albuquerque de. Um Pantanal de Marias e Marruás. Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pantanal - UFMS - Campus do Pantanal • Curso de Geografia / Mestrado em Estudos Fronteiriços. **Revista GeoPantanal • UFMS • Corumbá/MS • N. 31 • 29-45 • jul./dez. 2021**. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/15520/11020>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

RIBEIRO, M. A. **Entre ciclos de cheia e vazante a gente do Pantanal produz e revela geografias**. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pp. 279, 2014.



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAneroJoan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAneroJoan%20Scott.pdf). Acesso em: 10 de junho de 2024.

THOMÉ, Pollianna. A Mulher Pantaneira e sua Relação de Trabalho com o Turismo. **Revista Entrelugar**, V. 9, nº18, 2018 - ISSN 2176-9559. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/download/8941/5058>. Acesso em: 21 de junho de 2024.

THOMÉ, Pollianna. **A mulher e o Pantanal: uma relação de trabalho e de identidade**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia. UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1061>. Acesso em: 21 de junho de 2024.

WILLIAMS, R. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ZIOLKOWISK, Nathalia Eberhardt. Mulheres à frente no cerrado e pantanal: o entrelaçar de força na prática da resistência. **Revista Movimentação**. v.6, n.10, jan./jun. 2019 - ISSN 2358-9205. Universidade Federal da Grande Dourados – Dourados, 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/download/10594/6039/40426>. Acesso em: 10 de junho de 2024.